

Álvaro García de Zúñiga

3 + 8

=

38

com e sem silenciador

(as coisas vêm-se segundo o lugar de onde se ouvem)

38 ideias e medidas desmedidas divididas em partes longas e curtas, pre, re e cortadas de 38 % (o que afinal vem a dar 23,56) sobre a teatral desteatralização do teatro, da cultura em geral, e de FeRandom Nora Vamos em particular.

I

38 largo

O fim do princípio

Silêncio!

Desculpem. Olá.

Bom: é só para dizer que não há espectáculo. Nem vale a pena desligarem os telemóveis, nada. Não há peça. Se quiserem, pode-se ir até ao bar, beber qualquer coisa e eu explico. Ah! E mais: Não há reembolsos. Nem pensem no assunto. Não serão reembolsados.

Que mais?

(...)

Nada.

Ah!

Essa coisa do explicar: Bom, se quiserem eu explico, vou tentar explicar...

(...)

É que o difícil é saber por onde começar... Deixem-me ver...

(Pega numa 38 Smith & Wesson Special e aponta ao público:)

Não. (...)

(a si mesmo:)

Não, também não. (...)

(Aponta ao cenário que poderia ter sido o mapa de Portugal deitado numa marquesa hospitalar, muito high-tech, com réplicas em ponto pequeno infestando o espaço numa espécie de epidemia imagética, Portugal erva daninha:)

Não, também não dá. Talvez se...

(Começa um Power-Point que nunca funciona sobre o tal mapa pátrio – diaporama sem alma nem corpo, liofilizado graficamente, muito design, no extremo oposto da Posta Mirandesa.)

Sim, talvez isto... Mas vão ter que ter paciência, ao menos ao começo. É que não é fácil. Acreditem: não é fácil. Uma coisa é cancelar e outra explicá-lo...

(Verdadeiro show informático de multiplicação de janelinhas, números e curvas estatísticas mais uma imensa profusão de formulários e adendas e anexos começa a desenrolar-se...)

Não é fácil, já vão ver, não é nada fácil. Bom, nem vale muito a pena fazer um ponto da situação. De como estão as coisas. Cá. Da situação geral, meu general, social...

Cá.

Já se sabe. Bom. Não interessa¹.

Didascália

Então... Vejamos : Chegados aqui, se isto fosse um texto, teria uma didascália, ou umas didascálias. Didascálias, caso não saibam, claro, como poderão saber se já ninguém pode ir ao teatro, e mesmo quando se consegue ir, vai-se, e acontece que nem sequer há espectáculo, seja porque não há dinheiro para a produção, seja pelo que for... Seria prático, assim eu saberia que fazer. Ter didascálias², digo. Isso é que era prático. Agora. Neste momento. Uma coisa do tipo: este movimento, por exemplo. E estaria escrito: *Tal, faz tal movimento*. Em itálico, e eu faria tal movimento. Sem itálico. Bom até poderia ser com itálico, já o fiz uma vez, mas isso não vem ao caso, oblíquo, movimento oblíquo – o itálico, digo. O itálico é uma espécie de torre de Pisa orgânica em palco. Não interessa.

¹ Trata-se de uma expressão recorrente. Não interessa.

² Didascálias são as indicações escritas que acompanham o texto dialogado nas peças de teatro.

O assunto era que se tivesse itálicos, não, quero dizer, *didascálias*, se isto tivesse didascálias eu saberia muito melhor o que fazer, como organizar-me, como organizar a coisa.

É que acontece que nesta peça, não, não peça, nesta não peça... nesta des-peça... neste desacontecimento, nem deu para deixar escrito por escrito aquilo que depois era para dizer. Imagine-se então o que terá sido em relação ao didascalamento das acções. Nada pôde ser didascalizado. E pior ainda, talvez, não sei... bom, não interessa, o pior é que tudo o que digo é improvisado.

E improvisado assim de improvisado.

Bom, vou ter que começar por alguns antecedentes, mas cá o abaixo assinalado, o nota de rodapé vai detalhar-vos isso das peças, das despesas, das des-peças, os flops e os acontecimentos sem que seja preciso pedir-lhe³.

A origem crítica da crise

Bom, como já disse, vou ter que começar por alguns antecedentes, antecedentes primordiais, senão não vão perceber. O improviso necessita de preâmbulo, prolegómenos. Ou sim, seguramente percebem, bom, não interessa. Já perceberam. Não interessa. Vamos então aos antecedentes:

Os prolegómenos:

(Dito em estilo de história catedrática ao modo dum Magíster Dixit, que também aborta, como o Power Point aborta, como tudo aborta, num registo constante de talento abortivo sucessivo – melhor seria dizer de ejaculações verbais prematuras – *pré-frásicas*, talvez? – desenvolvendo-se assim o jogo das falas numa espécie de princípio abortivo, nada acaba, nada se explica até ao fim. E

³ Acontece que este *não acontecimento*, este flop, que nem chegou sequer à ser uma despesa – porque é isso que não se pode: fazer despesas. E então aquilo – isto – que era para ser uma peça transformou-se paradoxalmente numa des-peça, que é justamente o único tipo de peça que não requer despesas.

nada acaba, nada se explica até ao fim porque, aliás, nada sequer começa. O curto circuito é o princípio e o actor se tiver brio até deveria deitar fumo pelas orelhas pela nuca e pelos olhos. Eis o que é uma verdadeira didascália:)

A coisa está mal. Está f... horrível. Fhorrível, fhorrrível, já se sabe. Já sabem: *Do latin, fhorribilis* – em itálico. Etc..

Para explicar em detalhe, digamos que, se a coisa fosse uma peça de teatro, a tal peça de teatro que deveríamos estar a fazer, por exemplo, então teria imensos personagens, figurantes, silhuetas, zombies. Deveria ter cem, mais, quinhentos, sei lá, mil, não sei, centenas de milhares... se quiserem até podemos começar a contá-los... Não interessa.

(Exibe o esquema pleno de trabalho de produção, elenco com nomes, cachets e tenta de novo pespegar números no Power Point em forma de mapa pátrio que não funciona:)

Os figurantes fariam de desempregados. Por exemplo. Mais de novecentos e cinquenta mil a nove de Maio de dois mil e treze.

(Estão a ver o que eu dizia das didascálias? Dava mesmo jeito ter aqui uma que dissesse *tal personagem fica exaltado, outro desempregado; e tal ficava exaltado e depois tentava acalmar-se e o outro empregar-se. Bom. É isso uma boa didascália*)

E depois estariam os outros, os que falam, que não são muitos, mas têm o cachet maior. Já estão a ver não é? Bom, então: Por um lado temos o teatro e a tal peça, enfim, tudo o que tem que ver com essas coisas (o teatro e a peça), e por outro a situação geral, a crise, a política, etc.

O Falcon dos falcões e dos outros animais: Pombos e Coelhos.

Mas vamos começar pelo começo. E o começo começa em Bruxelas, claro.

(Hino)

Temos, então, a reunião em Bruxelas: Como todas as semanas os ministros dos 27 reúnem-se lá. Eles reúnem-se lá para... Bom, não interessa. Reúnem-se, pronto. E 26 dos tais 27 – que agora já são 28 – têm que lá ir⁴. E para lá chegar não se dão boleia uns aos outros, nada, nem pensar. Como é uma viagem curta e não há muito tempo a perder, acontece que cada um dos nossos 26⁵, 27 primeiros ministros, 28, vai com o seu próprio Falcon ou Bombardier quando não AirBus, ou o que quer que seja. Bom. Ok. Também não interessa muito.

(Uma fluência insuspeita até ao momento, faz dele um Karl Valentin local, aquele do Teatro Obrigatório)

Preço de cada hora de voo de um bichinho desses?: Falcon 50, 5mil625 €; Falcon 900, 8mil921; e o novinho em folha Falcon 7X de última geração, 7mil877 €⁶ por cada horinha de voo⁶.

Como é que eu sei tudo isto? fácil: vai-se ao Google, escreve-se *Falcon, preço de hora de voo*, e no instante aparece uma quantidade de

⁴27. Visto que realmente agora já somos 28 os Estados mais ou menos unidos pela União. E falando justamente disso: não sei se se lembram, mas justamente o único país que durante muitos meses esteve sem governo e por conseguinte não tinha primeiro ministro e poderia ter-se poupado as viagens foi, justamente, a Bélgica. Tem piada, não ?

⁵27.

⁶Mas o Falcon 7X, em vez de custar os 30 y tal milhões d'€*pidas* que custa um 900, custa uma alegre quantia que ronda os 50 milhones, ou seja que para rentabilizar a tal diferença de preço de 1.050 €/hora de voo, dados os tais 20 milhonaços de diferença de preço com o tal Falcon 900, seria necessário voar umas 20.000 horas mais que no outro, ou seja um pouco mais de 830 dias: 2 anos e três meses e meio, inteirinhos a voar as 24 horas.

Ah! E alem disto tudo: Algum de vocês sabia, por exemplo, que Portugal tem mais aviões privados – jets, quero dizer, para ser preciso – matriculados que Espanha? Acham que será porque os espanhóis ricos ainda não têm brevet?

informação que não dá para acreditar⁷. São até demais. Podemos ficar horas como que hipnotizados a ver aviões, aviões em venda, informações de todo tipo sobre o assunto.

(Do delirium tremens mental passa-se ao delirium tremens verbal:)

Ou seja, com o Flacon 50... tínhamos dito... 5mil625... façamos uma media de 2 horas: 2 horas de media... 26 países, 5mil625 vezes dois... 11mil256, vezes 26, da iguaaaaaal: 292mil500 ida + 292mil500 volta, igual 585mil000 €ípides... e se for no avioneta mais caro 8mil921 vezes 2, 17mil842, vezes 26⁸, 463mil892 ida e com a volta: 927mil784 €ípides, e medindo sempre pela media de todas estas medias cada reuniãozinha bruxelensis fica em 756.392 €loides só em gasolina aérea, contando talvez a manutenção.

E assim chegámos então a chegada dos primeiros a Bruxelas, a

⁷ Cá está, se tivéssemos didascálias, poderia aparecer uma e dizermo nos “aparece um power-point no qual podem-se ver algumas das fontes com informação, sobre o preço da hora de voo, etc.” Só por dar um exemplo:

In vídeo veritas:

<http://secretdefense.blogs.liberation.fr/defense/2010/09/le-coût-des-heures-de-vol-des-appareils-gouvernementaux-de-letec.html>

Enquanto o nosso actor numa calculadora faz o cálculo do preço da viagem de cada ministro para Bruxelas:

5mil625 x 2 horas de media x 27 países, igual 303mil750 ida e 303mil750 volta, ou seja um total de 607mil500 sem voltas, mais isso sim, como diz cá o colega no Falcon 50, que já sabem é o mais baratucho e sem contar nenhum custo adicional, para começar o próprio preço dos avião e também não o dos carros, que só parecem ser usados para o transporte aeroporto – palacete – bunker – aeroporto, nem os beberetes, nem seja o que for, isto tudo pode-se fazer com muita animação, até com vídeos. Uma boa didascália far-nos-ia imaginar todo o resto:

⁸ 27 e não 26... O colega insiste a esquecer que nossa Europa cresceu de um pais novinho em folha: os coitados dos croatas. 17mil842 vezes 27: 481.734 vezes dois 963.468, se até parece o número de um telemóvel, não fosse o dinheiro que gastam todos estes irresponsáveis na gestão dos nossos rendimentos...

uma dessas tais reuniões, num dia qualquer, que até poderia ser qualquer dia:

Sistema nervoso: Corte e confeição.

Os passos do Coelho chegando apressadamente: “- *Estou atrassado! estou atrassado!*”, e nós assistindo à cena absolutamente surreal, pela RTP interposta, decididamente do outro lado do espelho, como se fossemos uma espécie d’Alice.

Estamos lá a vê-lo e ouvi-lo ser recebido aos beijinhos pela Rainha Vermelha, que depois do sorriso para a foto lhe pergunta: “- *E o que trazes para cortar hoje?* E ele, sem ter tempo para pensar no assunto, ainda atordoado do avião, responde-lhe: “- *Não sei... os... as... A cultura?... o teatro?... O FeRandom Nora Vamos?*”... “- *Boa! Assim seja!* – diz ela – *o FeRandom Nora Vamos: Que lhe cortem a cabeça!*”.

(Se for necessário “explicar”, explica-se, explica o colega de cima ao colega do rodapé¹⁰, mais não é: há coisas que são

⁹ FeRandom Mora Ramos é um dos líderes do chamado movimento dos suicídio-independentes.

¹⁰ A divisão das fábulas em categorias é simples: há fabulas simples, episódicas e complexas; as simples são as simplesmente episódicas, as episodicamente simples e as episodicamente complexas, o que é simples, depois também há as simplesmente complexas, mas essas são já mais complicadas, bem que ainda não o sejam tanto como as episódica e simplesmente complexas, que são mais complicadas; as simplesmente episódico-complexas, são das mais simples que há, ao contrario das complexamente simples, que são super-complexas, e as complexamente episódicas que são do mais complicado que se possa vir a imaginar. O mesmo da para as personagens (mas não vou repetir). Bem. Há quem diga – como diz o Pedro Santana Lopes, que não percebe nada de estas coisas nem de coisa nenhuma, alias – que o importante e o que acontece. E acontece que o que pode acontecer é o seguinte: Primo: que na historia ou na personagem tenha lugar uma mudança de fortuna e que esta ocorra sem vicissitudes ou reconhecimento pessoal.

inexplicáveis¹¹.)

“- Uf” – pensou para os seus botões o Coelho já de volta do conselho secando-se a transpiração com a patita – “*desta vez safei-me*”. E imediatamente o Coelho manda chamar o piegas do Piegas, que já nem se chama assim, que é Xavier mas é o piegas na mesma – não sei se se lembram dele – do piegas, dizia, aliás, seja ele qual for, é o secretário detestado da cultura (que aliás já é quase da *in*, que é o modo *chique* de dizer cultura in, in-cultura); e que aliás já nem sub-mini-histro, o coitado do novo Piegas. Então o coelho chama-o e diz-lhe que está tudo uma verdadeira desgraça moura, terceiro-mundista, e que depois de rever, calcular e recalcular incalculavelmente o desorçamento. A única coisa que se pode fazer é ir já mesmo para a Ajuda e ajudar¹² cortando teatralmente 38% na despesa cultural a todos em geral, e a cabeça ao suicidioindependente FeRandom Nora Vamos em particular, que aliás, seja como for, já não há pachorra para o que ele a utiliza. Nem necessidade.

- Cortar por cortar, é melhor cortar nisto¹³.

- Claro. Muito pior seria cortar no entretenimento público massivo, que não só gera mais iva senão até turismo, como ficou demonstrado com Las Férias do Filipe, esse verdadeiro Mourinho

Secundo: que não haja mesmo necessidade ou plausibilidade na sucessão de acções ou na personagem de mudança de fortuna.

Terço-eiro: que ocorra uma alteração incidental da fortuna o que esta acompanhe a personagem.

¹¹ E verdade, há coisas que são inexplicáveis...

¹² AJUDAR – ajuda-nos a definir o Nora Vamos – irrevogavelmente têm uma semântica neoliberaldina, são pós, in mesmo in...

¹³ Os suicidioindependentes – diz FeRandom Nora Vamos –, têm pescoço largo e excesso de neurónios, para quê se podemos lá pôr mexilhão, nessa paisagem da mioleira, sacudindo alto esse vírus perigosíssimus, do latim bichus pensarabilis criticissumus larvus est contaminorum penetratis ou menetoris, periculosa est língvadibus – larvus, larvar, larvarae, larvibus, est assuntum larvrar sementicorum puríssimus de verdadófilia comumnidadium.

do teatro com quem tanto temos aprendido. Com ele é que vai ser descansar na crise, rir da crise e distrair-se em crise; e não como fazem os suicidioindependentes¹⁴ que põem as pessoas pensar e depois nem conseguem vir a ter prazer, nem sequer para apanhar o 38 e ver as vistas da crise pela desgraça moura acima. O eléctrico. Chamado desejo. O amarelo dos carteiristas, em crise com o passem social.

- Não, será o 28 que diz. É o que vai para os Prazeres.

- Não, o 38. É o 38. É que certas coisas têm que aumentar. E tivemos de aumentar de 28 para 38. Não há outro remédio¹⁵. Nós já dissemos durante a campanha que íamos fazer tudo para que tal não acontecesse. E tudo fizemos. Incluso mais, fizemos incluso mais do que aquilo que dissemos que íamos fazer e que já era muito. Fizemos muito mais ainda. Mas sabem o que acontece? Qual é o verdadeiro problema que nós temos? O verdadeiro problema que temos é que os nossos pobres são ainda muito ricos. Enquanto que, os nossos ricos, são ainda paupérrimos. Veja-se e confira-se: Quantos dos nossos ricos entram na lista de ricos dos mais ricos da revista Forbes por exemplo? Um? Vá lá, dois? Tão a ver?... Enquanto que os nossos pobres nem por assomo sintomático aparecem na lista dos pobres-pobres como o Tchad ou a Somália ou qualquer outro dos países, desses que têm os seus pretos cheios de moscas a aparecer nas fotos para desenvolver piedade à distância, piedade online também. O Borges explicou-me bem tudo isso.

- O Jorge Luís?

- Qual Jorg...? Ouça: Não faça de engraçadinho, olhe que ainda o

¹⁴ Os suicidioindependentes, *suibcidioindependentes*, segundo a primeira demnomação (denominação demoníaca) de FeRandum N. Vruum-vruum., explicam-se do seguinte modo: trata-se de pessoas que põem as pessoas a mexer os miolos, a buscar verdades, e a fabricar pensatemos.

¹⁵ Não há remédio alternativo, só o nativo, *alfacinbus mexilbonensis*. Pagai e não bufai. [NDFMV]

nomeio secretário de estado da in-cultura¹⁶.

(Automaticamente o engraçadinho é nomeado secretário da incultura, e põe-se imediatamente a secretar¹⁷. Mais isso sim, não interessa. Nem uma coisa nem outra).

E nesse preciso instante que não tem interesse nenhum é que entra outro eu. O meu outro eu. Ou algum outro dos meus outros eus¹⁸:

A história dos Álvaros

Temos dois Álvaros envolvidos no assunto. Um acima do outro, abaixo na rua da Emenda, coisa que parece, eles não têm: na realidade de entre os dois parece nem se consegue fazer um. Emendado. Bom. Não interessa.

Comecemos pelo de cima¹⁹... Que entre tanto caiu emendado

¹⁶ Não sei vocês, mas eu, sem ter contado, acho que até agora já levamos uma grande quantidade de personagens. Claro, dirão vocês, há muito papel secundário. E os principais, os mais higiênicos, até agora são poucos. E quase que nem se da por eles. É que o problema está no desemprego. Nos, ao que parece, sempre fomos bons nisso, mas agora estamos mesmo entre os melhores do mundo. Agora nem as empresas de ponta, Renova por dar um exemplo, conseguem empregar os seus próprios desempregados.

¹⁷ **Secretar.** verbo transitivo, do francês *sécréter*. Produzir uma substância por secreção.

¹⁸ Não é verdade. Ele já cá estava. Aliás cá não entra ninguém. Não pode. Não se pode. O que se poderia, no máximo, é inventar qualquer coisa e continuar com a historia de um modo mais narrativo: por exemplo, com a historia dos Álvaros.

¹⁹ Isso: Comecemos pelo de cima: Este na realidade tem entrada pela rua da Horta Seca. Pelo facto de estar ministro. E é pelo mesmo facto que tem direito a ser chamado de sua excelência, apesar dele preferir ser chamado simplesmente Álvaro. Mas Deus da excelências simplesmente a quem não as têm, como diz quem não as recebe: Ou outro Álvaro que desde sempre é assim

irrevogavelmente, queda cuja que para por volta pr'ó Canadá, menos Álvaro e mais Pereira

(Entra o Álvaro de Baixo vestido de Papa e senta-se na cadeira papal assumindo que faz de figurante em festas de papado e cortejos históricos, quando não de Pai Natal. Ministra o Álvaro de cima, que anuncia:)

Habemus Papam.

(O Álvaro de baixo enuncia núncio:)

Escolhi ser chamado Vito: *Il dolce Vito...*

- *Vito, Vito... Vito Corleo* não é? (Pergunta o que tinha anunciado o núncio, enquanto baixamente o de baixo faz como que não ouviu e continua a enunciar:)

Mas caso queiram, podem chamar-me de *sua santidade*. Sou modesto. Descalço. Venho de longe. E todos juntos vamos iremos muito mais longe ainda.

Vamos pôr tudo isto a voar em órbita.

O piquenique na Relvas

Acontece que, antes de ser Papa, o dolce Vito tinha proposto ao Nora Vamos escrever uma peça comemorativa do centenário da guerra de 1914-1918. Nessa peça um louco que se diz chamar Picnirp Olirvag – ou “Pick-Nick” – realiza, em Fevereiro de 2014, em Davos, um massacre comemorativo dos cem anos do célebre atentado de Sarajevo, no qual, em finais de Junho de 1914 um nacionalista jugoslavo sérvio da Bósnia-Herzegovina chamado Gavrilo Princip assassinou o arquiduque de Áustria Francisco Frenando, facto este que desencadeou a primeira guerra mundial:

chamado simplesmente, já faz muito que preferiria ser chamado de sua excelência, ou sua alteza real, ou sua eminência ou, o que ele acharia ainda melhor e sem dúvida muito mais apropriado, sua santidade.

A Grande Guerra, que boa falta fazia. E faz²⁰.

Vejamos: o massacre comemorativo que levaria a cabo o tal Pick-Nick visaria dar cabo de uma boa parte dos nossos magníficos dirigentes que tão descomemorativamente, e com tanta clarividência, parecem dirigir-nos. Porque todos nós sabemos muito bem para onde é que nos está a dirigir nossa magnífica “elite”, não será?:

(Um pequeno parêntesis: Se houvesse didascálias a sério nisto perceber-se-ia perfeitamente que a palavra “elite” que aparece em cima está escrita entre aspas, e não haveria necessidade de dizer: “- Aspas “para onde é que nos está a dirigir nossa magnífica aspas elite, aspas, não é?” Fecha aspas. Não é? Bom, não interessa... De todos os modos, a ideia do Álvaro (entre parêntesis aquele que agora passou a ser chamado de aspas “sua santidade” fecha aspas e parêntesis, vírgula),), era a de que a ideia deste atentado viria a ter a mesma repercussão que teve o de Sarajevo²¹). Fecha o parêntesis que fecha o pequeno parêntesis.)

Eles, os nossos dirigentes, aspas, a elite, aspas, parecem estar a dirigir-nos exactamente lá onde os seus antecessores do século passado o tinham feito em 1914: ou seja à necessidade absoluta de dar cabo de tudo para tapar o facto de que eles, de qualquer modo, já tinham dado cabo de tudo o que estava vivo e mexia.

Gavrilo Princip, vocês perceberam, - didascalizando - é anverso do reverso do nome do personagem de 2014 Picnirp Olirvag. Gavrilo

²⁰ “E faz, sobre tudo agora que os drones acabaram com esse artesanato da baioneta e do corpo a corpo, suores inimigos na mesma transpiração humanóide”, acota num *à coté* militantemente anti-militarista o Nora Vamos.

²¹ Objectivo dramático do acto, acena e encena pacificamente FeRandom o pacifista: Uns milhões de mortos. O que, comemorativamente claro, serve a activar todo um sector de actividade parcialmente inerte: criação de mais cemitérios, relançamento da indústria das cruces, jazigos, ascenso exponencial dum nova linha de flores de plástico biodegradáveis, turismo necrófilo, e por aí fora...

Princip Picnirp Olirvag, Gavriolo Princip - Picnirp Olirvag, Gavriolo Princip - Picnirp Olirvag... E a ideia de uma guerra-efeméride do centenário da grande guerra é uma grande ideia. E não só para uma peça, mas mesmo para uma guerra grande.

Repito: A ideia de uma guerra-efeméride do centenário da grande guerra é uma grande ideia²².

Quem sabe, se calhar até nos tirava desta crise da qual nenhum político sabe sair através da equação supra cidadã: milhões de mortos dá crescimento económico, quantos mais mortos mais crescimento posterior. Se tivermos sorte suficiente até ficava quase nenhuma gente no planeta e isso seria auspicioso. É que 7 mil milhões, sem nenhuma aspas, não dá²³... Mas pronto, não interessa.

Por isso, o ideal então, seria encontrar alguém, assim, louco... digamos como o Picnirp Olirvag, e que o tal Pick-Nick rebente de puro acto/efeméride, em 2014, com Davos. Ou com qualquer coisa do género... E olhem que um Pick-Nick assim dava muito jeito a muita gente, dava, em Davos ou onde seja que for.

²² E não só para uma peça, senão para uma guerra. Que fique claro: É que a ideia de uma guerra-efeméride dava uma grande peça, mas sobre tudo o que dava era uma grande guerra. Mesmo uma imensa guerra, uma guerra enorme dessas depois das quais não fica nada, e então os políticos que sobrevivem ou que aparecem lá ficam com tudo pela frente: tudo limpinho e por fazer. Ideal para jogar ao Lego que é o único que eles sabem fazer: Brincar a que estão cheios de crédito e de futuro. Negro, fica só o passado, mais isso, “*não interessa*”...

²³ Por um lado; mais pelo outro para ter crescimento a serio é preciso cada vez mais, e daqui a nada vamos precisar de algo assim como 40 ou 50 mil milhões de consumidores – contribuintes, porque uma grande parte do problema consiste em que só conseguimos fazer pagar aos seres humanos. Desumanamente, claro. Coisa de ver se chegamos ao *break even* nas contas e assim poder finalmente pagar as dívidas que todos os países têm, ainda que nem saibamos quem é que as detém.

É que já há muitos a tentar despoletar uma coisa dessas. Mas sempre fazendo que pareça que foram os outros a começar. Aí esta a graça²⁴.

Bom, não interessa...

Crescimento global

Bom – Boum! – Bom: Quando lhe disseram ao Álvaro da ideia do outro Álvaro pareceu-lhe muito boa e até lhe deu vontade de patentear. Excelente modo de criar emprego: Uma grande guerra, ainda que seja apenas no palco, é muita fruta.

(O fundo do palco transforma-se num vídeo gigante com milhares de pastéis de nata. O actor ri-se discretamente.)

Não sei se estão a ver, mas o número de actores acaba de aumentar astronomicamente. É só para que não percam o fio a meada. E o Álvaro pensa: O cenário de guerra da peça de guerra tem por onde se lhe pegar. Começaria por uma conferência de imprensa fake, a que se seguiria outra verdadeira que anunciaria o começo da Guerra 14-18 a partir do tal atentado de Davos que, quer exista quer não, passa pela televisão pelo que toda a gente acredita nele. Aí, já não se sabe muito bem o que é verdade e o que não. Ou seja tal e qual, igual ao que sucede agora. Mas em lugar de

²⁴ Uma didascália a serio neste momento diria que neste preciso instante se faz a apresentação de um Power-Point transparentemente point e com muito power sobre o assunto: guerras em curso: guerras militarizadas e guerras desmilitarizadas: guerras assumidas e guerras sem assunção, dessas que nem se da por elas. Depois: armamentos e arsenais: armamento inteligente e anestesia mediática: do nuclear, incluindo o nuclear que já é considerado convencional – sim, sim –, até o biológico, o informático e o dronado, que é como se não se estivesse lá mais consegu-se matar e destruir tudo na mesma. Da arte da guerra sem sequer dar combate: do bloqueio económico e a fome até o impedimento – preferentemente físico – de falar e pensar desde outro ponto de vista. Da boa utilização dos valores em curso.

falar de taxas de juros e de jurar que não há cash para tanta dívida, falar-se-ia de arsenais e de perigo iminente. Como foi o da “primavera árabe” mas agora numa versão muito mais “in-v-f-erno global”.

“Publicidade e cidadania públicas” (como as chamadas “mulheres públicas”)

Já vos tinha dito que o Coelho tinha pedido para dar grandes passos nos cortes ao piegas do secretário – ou secretério – que já não sendo o Piegas é como se fosse porque é Piegas.

Pois, aí esta, voltamos já. Não mude de canal.

Enquanto o nosso actor parte para mijar, bom, não interessa, entra a publicidade em decibéis acima das virtudes da cera auricular: Vasenol creme Balsemão esta semana no doce pingo, que, não sei se ainda se lembram foi para Holanda que lá é que sabem como tratar os contribuintes. É isso sim, o que interessa.

A publicidade dura muito mais tempo do que é legal²⁵. Mas afinal, depois de toda essa publicidade, desse exercício público de

²⁵ Efectivamente: A publicidade dura muito mais tempo do que é legal. E isso sem contar a publicidade que passa aos quadrinhos no meio do chamado “tempo de antena”. Brincando-brincando, as televisões “independentes” conseguem fazer passar mais de uma hora de publicidade ilegal gratuitamente em negro. É quase como se um gajo metesse – mesmo se é com bálsamo-mão – a mão no bolso de cada um de nos. Voltemos a pôr Vasenol: a hora em media de publicidade roubada e cobrada pelo patrão da televisão “independente” significa 21mil 900 minutos-ano. Não vamos ser nos usurários como o Shylock e vamos fixar a... digamos 50 € o segundo de publicidade. Baratucho, não queremos nada de escândalos. Ou seja 3000 €akos o minuto. O que, multiplicado por 21mil 900 dá um bocadinho mais de 65 milhões: 65 milhões e 700 mil, para ser exactos. 65 milhões e 700 mil €onios-ano livres de imposto. O preço do tal Falcon 7x p-t-o, de que falávamos há pouco que até poupa em combustível.

incivilidade prostitutil, o actor volta.

Subsidiodependência com Quinta na Marinha

O actor volta e diz: Uma espectacular equipe de antoniopedrovasconselheiros que garantem a continuidade da vigência do ideal da desgraça moura diz que subvencionar suicidioindependentes incapazes de sobreviver segundo as leis do mercado é um entrave ao desenvolvimento.

Esses saltimbancos de merda não sabem como encontrar fontes de rendimento: Não sabem – por exemplo – fazer-se eleger deputados. Não sabem inventar polémicas inúteis e alimentar a lengalenga pseudo-jornalístico-comentomeretrítico-catártico pseudo critica. Nem sequer para putas servem... e nem sabem, como nós, evadir-se ao fisco com elegância. Só assaltariam um banco se estivesse escrito num guião. Trata-se de uma verdadeira desgraça lusa.

Nós, por nosso lado, sabemos comentar e falar de tudo. Fazemo-nos deputados europeus, fazemo-nos nomear em conselhos de administração, subimos aos seus cumes, somos ministros, somos multinacionais, vamos à televisão e captamos logo o modo de dizer sempre aquilo que pensam os donos dos canais de televisão e passamos a ser donos dos donos. *Sic*, e tal e qual mente. Por exemplo:

Quatro canais abertos é um exagero economicamente inviável. Depois ninguém se pode queixar se for preciso algum dinheirinho extra, paralelo, feito na secretaria, sem o qual não seria possível manter o serviço público que generosamente se oferece à comunidade (nem a casa na quinta da marinha, as contas offshore ou um miserável Falcon 50 na Portela. Uma vergonha.)

O mercado sempre adorou o dinheiro público, e é fascinado pelas reservas dos reformados e pelos fundos de pensões... o que eles gostam é disso, muito mais que de ficar a espera pelos impostos impostos aos imposaveis, essa chatice com agenda imprevisível.

Fazer contas Porta à Portas

É esse o avião que o dono do canal empresta ao Coelho que nem pensa em levar o secretário Piegas que já nem assim se chama, para ir com ele à reunião com a Rainha Vermelha – visto que as Caldas é que ele não quer ir – reina – a Vermelha – que, por sua vez, está cada vez menos vermelha e mais rainha, e por extensão faz o que quer com todo o resto do grupo do baralho. Todos paus mandados fechados em copas²⁶.

É que o leporídeo vai prestar contas. E o problema é que as contas não batem certo, como insiste em afirmar lenta e afirmativamente o nosso único rei mago, que entretanto mudou de sexo.

E o primeiro que pergunta ao coitado do nosso Coelho é: “- *E então? O que é do Nora Vamos?*” ao que o *oryctolagus cuniculus* responde tac ao tac: “- *Der Nora Vamos ist aufgeräumt*”. “- *Cortaste-lhe a cabeça?*” perguntou outra vez “-*Ich schnitt es er 38 Prozent*” respondeu-lhe o Coelho, que imediatamente percebeu que tinha cometido uma gaffe. Não pelo seu alemão, que mesmo inventado pela Google-Translator era suficiente para que a vermelha dama nem desse por isso; mas por não ter dito com clareza que o FeRandom Nora Vamos em lugar de estar *kaputt*, estava miseravelmente *schnitt*, a uns míseros 38 por cento.

O incauto lagomorfo tentou corrigir o tiro dizendo quase instantaneamente: “- *Ich bedeutet... 38 Prozent seines gesamten, Kopf enthalten*”. “- *Ach so*”, acalmou-se a Rainha das Caldas e de todo o Teatro, no mesmo momento em que, quando ninguém o esperava, lhe salta-lhe a tampa do Sarkófago ao recém chegado múmia Hollando-francês, que, para parecer à altura da outra Frau-klein do FMI e dos acontecimentos, se põe a in-qui-qui-ri-ri de um modo que quase parecia que lhe ia aos cornos ao nosso coitado Kaninchen: “- *Et les autres? Et l'Álvaro?*” “- *L'Álvaro rien... l'Alvaro est l'un des nôtres...*” “- *Non, pas cet Álvaro là, l'autre...*” “- *Ah! De l'autre on ne sait rien, et d'ailleurs, à vrai dire, il n'est même pas vraiment portuguais-português na totalidade, il a beaucoup de sotaque. Nous seulement le considérons portuguais fiscalement, pour qu'au moins il paye quelque chose.*”

²⁶ Ou seja, *sem ouros* (Oiros).

A grande decisão

Mas o importante é que a coisa, ali, ficava clara: Nada de teatro. Essa é que era a premissa. O teatro passava a ser um monopólio não de Estado, mas da classe política²⁷.

Epistemologias meta-textuais

Aqui estaria agora indicado “Intervalo”. Mas não posso jurar a pés juntos de que se tratasse de uma didascália. Tratar-se-ia de algo parecido com a palavra “Fim” no fim dum texto, que não se sabe bem se está do lado de cá ou do lado de lá do texto. Ou seja, em relação a isto do intervalo: é intervalo mas pode não ser. Pode ser uma didascália. Seja como for, o que é pena é que isto não tenha sido previsto com antecedência. Desse modo teria sido possível pôr publicidade. E isso seria uma maneira de arranjar algum financiamento²⁸, um financiamento para pagar esse outsourcing que instalado no serviço público liquida o teatro com a arma estatística.

Apple

É que é no intervalo, na publicidade, que agora está o espectáculo. Todo o espectáculo. Quase todo. O que não era conveniente fazer nos teatros é o que agora se faz por todo lado na apelativa sujidade espectacular da sociedade do espectáculo. Vejam só: A Apple. A Apple é linda, é *clean*, *appellativa*, muito mais smart que phone... Mais a Apple tributa só 2,5% dos seus benéficos fora dos Estados Unidos²⁹, enquanto muito mais da metade das suas vendas são

²⁷ E dos midia.

²⁸ Mas para que se quer financiamento se não se tem peça?

²⁹ Em realidade 60% e isto segundo uma fonte pro-appeliana: <http://venturebeat.com/2012/10/25/only-60-of-apple-revenue-is-not-made-in-the-usa-and-thats-a-problem/> e si o *problem* interessa-lhe realmente consulte <http://www.ibtimes.com/ge-pfizer-microsoft-apple-other-major-us-corporations-are-parking->

feitas no estrangeiro. Bravo os Esmolfes! Google: No ano 2011 teve um benefício bruto no estrangeiro de 7.600 milhões de dólares, os quais somados aos 4.700 milhões que fez nos Estados Unidos, dá em que os jovens turcos latifundiários online ticeram um benefício total de 12.300 milhões de dólares. E pagaram impostos ao tesouro norte americano por um valor de 2.341 milhões, enquanto para toda Europa³⁰ pagaram 248 milhões. Devem ter apanhado a época dos saldos!

Mas há mais. Há muitos mais que enriquecem à custa de não pagar nenhum imposto pelas suas lucrativas e novíssimas actividades neste velho e incontinente continente: Microsoft, Facebook... E o ex-empobrecido Urânio Barroso, neo enriquecido à base de *salarium giga bruxelensis* faz com que não se soubesse nem se saiba nada disto. Talvez seja por causa da ~~comissão~~ comichão...

Curta Informação

E assim é que depois do intervalo e da venda de gelados e das participações nas empresas do estado, a coisa recomeça:

Voz off do Coelho que diz ao Dantas que dantes era Piegas: “*Vai-me chamar a Desgraça Moura*”.

A solução final : O fado dos ministérios

A nossa Desgraça Moura vinha já com um último fado que tinha descomposto para a língua portuguesa em sis bemóis de alta ortografia. Acompanhado pela maravilhosa Katia-Mariza, guerreira e nacional, trazia o cavaquinho para nos dar um novo alento e mote orientador remodelando a direcção das novas direcções e dos entes reguladores que desregulam as nossas vidas e vidinhas. Remodelemos. Música maestro:

more-cash-abroad-avoid-paying

³⁰ Que neste caso é um eufemismo para os cofres irlandeses, visto que foi lá que foi a parar praticamente tudo esse pouco dinheiro.

Ministério das Finas Danças
Ministério da Disfunção Pública
Ministério da Ergonomia
Ministério da Aceleração Particular
Ministério do Ponto Morto e da Marcha Atrás
Ministério do Acordar e da Ressaca
Ministério do Malabarismo e da Corda Bamba – Secretaria de
Estado da Queda e dos Joelhos
Ministério da Bola de das Altas Esferas – Secretaria de Estado dos
Santos Jogos Misericordiosos
Secretaria de Estado da Vadiagem e dos Tachos no Estrangeiro
Secretaria de Estado das Patentes, da Bulimia e dos Pastéis de Nata
Secretaria de Estado do Dominó – Direcção Geral do
Desmoronamento
Ente Regulador do Sorriso
Ente Regulador da Meteorologia e das Grandes Marés
Ente Regulador do Bom Gosto, dos Imprevistos e Por Aí Fora.
E por aí fora.

“- Isto poderia ser uma versão. Mas há outras”, explica depois o encavacado cavaquinho enquanto preside à reunião da Associação Auto-imóvel de Portugal, por exemplo a do fado Partido:

(Direito de Antena. Previsto no artigo 59 da Lei número 27/2007 de 30 de Julho:)

Clip eleitoral Fa-Do Partido

“- *Eu cá tenho inteiro o fa do partido*” começa dizendo enquanto ia indo Fray-Cisco Xavier, o indo Português todo Partido do Partido Indo Português. E ainda diz mais ainda, o Indo-Português do Partido: cá vai: é assim: ouçam: calem-se: silêncio: vai-se cantar o fá. E depois o dó.

Partido
Partido Inteiro
Partido Unido
Partido Unido Inteiramente
Partido Todo Unido

Partido Todo Partido
 Partido Todo Inteiro
 Partido Inteiramente Partido
 Partido Inteiramente Partido Inteiro Todo Unido ao Partido Todo Partido
 Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido
 Partido pelo Partido
 Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido
 Partido pelo Partido Inteiro
 Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido
 Partido pelo Partido Inteiro Unido ao Partido Unido Inteiramente
 Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido
 Partido pelo Partido Inteiro Unido ao Partido Unido Inteiramente
 Inteiramente Partido pelo Partido Todo Unido Todo Inteiro
 Partido
 Partido Fa
 Partido Dó
 Partido Ré
 Partido do Repartido
 Partido do Ré repartido ~~em Fá e Dó~~
 em Fo em Di e em Do

Gregos e, não havendo troianos, palhaços: coros e contracenias

“- Excelente! Isso! Viva o Partido! P-P-R-F-e-D !! P-P-R-F-e-D !! P-P-R-F-e-D !! Assim é que é: Mais futebol e menos alfabeto: Já temos um glorioso Cristiano Ronaldo, agora até poderíamos complementar com um Budista Nixonio, outro Muçulmano Busbeido, e mais um Judeuzinho Obaminho, e até um Agnosticano Kenedynho. Se com um Reganzinho Mourinhizado já quase nem sequer era preciso fazer campanha, imagine-se se tivéssemos todos esses craques. Assim é que dava gosto governar. Inclusive, se tivermos que respeitar as quotas femininas, até poderíamos importar nacionalizar e passaportear uma Iurdina Dilma Gaúcha para jogar com os nossos rapazes, que, se calhar até apreciam, os safados”, apita dourada e electrodomesticamente apagando o televisor o major Major de Gondomar, depois de observar o comportamento dos chimpanzés selvagens durante alguns meses para tentar transformar os seus

eleitores e as suas torcidas em clones de si mesmo. Herói da independência (tratar-se-a de uma dependência *in?*), é do fundo do seu estatuto de eminência ética do partido partido em dois partidos inteiramente no poder que remata: “- *Assim é que safávamos de vez de tanto palhaço a tentar cuspir na sopa*”; coisa que não deixa escapar apressando o passo o Coelho e anota (“...*na nossa sopa*”) para não esquecer de a dizer depois na próxima reunião em Bruxelas enquanto olha cinicamente para os gregos...

“- *Gregos e palhaços. Isso é que é uma boa definição da crise. Daí o assunto do teatro e do teatro do teatro. E a necessidade de terminar de vez com toda esta merda*”, pensa. Finalmente uma iluminação, algo para atirar às feras e acalmá-las³¹. Uma ideia decente, bom, não, mas consensual, isso sim, e que desvia a atenção da inoperância da classe governante. Da nossa querida ruling class. Sobre isso não há dúvida: os amigos e colegas vão estar todos de acordo. Um acordo muito mais que ortográfico. Agora é só avisar a imprensa.

E para festejar esta *trouvaille* inesperada que no fim de contas vem arranjar muita coisa decide criar dois novos ministérios, um maxistério, um megastério e três pequeníssimos microstérios para que os raparigos e rapazinhas da jotaesedé também tenham com que brincar.

Uma vez já em Bruxelas, o coro de gregos declama tragicamente: “- *É o destino*”, fundindo e confundindo tragédia e comédia dramaticamente todo em um. *Panes et circensis*.

“- *Olhem que nós marcamos o Passos, nos não somos os gregos*” apressam-se a avisar sem perceberem bem o assunto o Coelho e o cavaquinho. “- *Tomara fossem*”, gritam em coro gregos e alentejo-troianos³²,

³¹ Muito melhor que os escravos núbios. um acordo de união nacional pós a gorada salvação também nacional que, obviamente não poderia ser o conjunto das salvações concelhias depois de darem cabo das freguesias e de enxertarem o país com bocados que não pegam uns com os outros, a perna junto ao nariz o olho do cu lá para o calcanhar, que diria Aquiles?

³² Em relação aos alentejanos alargados e agravados pelos algarvios, ou seja al(g)arg(a)(vi)ados: pode –se dizer o seguinte:

antagonistas de tanto protagonismo.

(O coro grego divide-se em duas partes. A primeira é um coro grego. A segunda, mais pequena mas muito pouco representativa são os deputados. Consequentemente os cânticos do coro grego dividem-se em dois: Os que de-putam e os que dizem. O canto dos irrepresentantes é bem conhecido:)

“- *Nos não somos gregos!*”, (O dos outros já dissemos é forte, digno e claro:)

“- *Tomara fossem!!*”, “- *tomara fossem!!*”.

Enquanto os outros insistem:

“- *Nos não somos portugueses!*”,

E o ping-pong continua:

“- *Tomara fossem!!*”, “- *tomara fossem!!*”.

“- *Nos nem somos gregos nem portugueses!*”,

“- *Tomara fossem!!*”, “- *tomara fossem!!*”.

“- *Não somos esp, ita, irl, ingl, fr, eu...r...*”, “- *Mais Alemão!*”, “- *Mais Alemão!*”, “- *Há que ir mais longe!*”, “- *Mehr Kehl!*”...

O Circo Romano Prodi apresenta:

“- *Tomara fossem*” insiste o coro grego dos gregos em coro entrando na areia do circo Romano.

- Corifeu contra Colosseo.

- Prodi encontra Berlusconi.

- David contra Golias.

trata-se de gentes originárias de Grândola, Grândola-Grândola, Grândola do sul (Algarve), Grândola-norte e Grândola-ilhas (todas): É que não devemos esquecer: todos os caminhos vão parar a Roma: à Roma dos *panes* e do *circensis*, claro.

Justamente. Na tribuna de des-honra o irrequieto do Coelho, sentadinho à esquerda da Rainha Vermelha, no momento exacto em que o Clube de Paris lhe acerta com uma flecha no talão de cheques, insiste: “- *Nós não somos os gregos, aqueles*”, e se nem diz Aquiles é porque com tanta pressa que tem o coitado do mamífero carroliano nem pensa no herói. De puro anti que ele naturalmente é. Naturalmente. Aliás ele nunca tinha pensado no herói. Aliás ele nunca tinha pensado.

“- *Nós cumprimos*” – insiste tentando parecer convincente o nosso petiscável mamífero – “*vá, vamos cumprir, faremos qualquer sacrifício, quer dizer, faremos fazer qualquer sacrifício a quem se deve sacrificar, e se for necessário até vamos trazer a esta colossal areia todos os agravados alentejanos alargados a-l-g-arg-a-vi-ados que temos que não estejam dispostos a dar um pingo doce do seu sangue pela pátria (sic), a sic, e os valores europeus do Além, em (ehemm...) (que mania) d’além Europa (que manha... isto de dizer Europa, pá)*”.

A rainha vermelha, ocupada que estava a olhar para a sua direita em direcção d’o Black-Jack – que já teve todos os nomes: Nixeron, Kennebush, Ronaldo e que além disso tudo, têm um p.i.b. muito, mas muuuuuuito maior que a dita hamburguesa, e que nem se pode revelar em comparação ao do nosso ó Portugal se fosses só três sílabas –, pensando em pensar em coisas mais importantes como como será que serão as coisas lá do lado do Grifo³³, nem tinha ouvido.

Uma pena, já que se tratava dum momento único, duma teatralidade rara e até verosímil. O que teriam gostado e invejado o Nora Vamos e o Álvaro caso tivessem ainda cabeça e ainda

³³ Cabeça águia e corpo de leão, o Grifo parece arrogante e desdenhoso das obsessões e terrores de outros personagens, como a dor da Falsa Tartaruga e a Rainha das execuções dos corações. Fala com um sotaque ligeiramente “*ungrammatical Cockney-like*” e faz exigências que são sempre obedecidas. Propenso a tosse, tosse a traves de sons escritos como por exemplo “*Hjckerrh!*”, que parecem ter pouco significado e até podem ser involuntários, a pesar do qual todas as outras criaturas tentam encontrar neles um sentido profundo ao mesmo tempo que ficam constipados.

tivessem simplesmente a cabeça. Respectivamente. Com o maior dos respeitos.

Do outro lado do atlântico do Black-Jack – que ainda estava todo baralhado perguntando em honolulés se isso era ao que os europeus chamam “*soccer*” –, o Camarão-Albião da Ilha pérfida, perfidamente, aplaude como um maluco no instante que os leões começam a comer-se o primeiro grego do coro³⁴.

O painel do circo máximo oficializa o anuncio avisando ao público uma diminuição das taxas do euribor e do spread. O que por um lado facilita a digestão dos leões – apesar de que o coro dos gregos em coro já estivesse bastante pré-digerido –, e por outro, põe uma boa parte da assistência a telefonar móvel e o mais rapidamente possível para as suas agências e negociar novos empréstimos e refinamentos, perdão, refinanciamentos faseados das dívidas acumuladas.

(No painel do Colosso de Roma passam em directo as informações transmitidas muito oficialmente e até sem mentir pelo site <http://www.usdebtclock.org/world-debt-clock.html>)

O Camarão-Albião e o Leprechaun – o anãozinho verde aquele da ilha de em / al face –, furiosos pelo atentado e por ver os seus trapinhos sujos demasiado à vista avisam: “- *Se não tiram isso já daí baixamos-lhes a nota a todos no ranking das agências de rating*”, ao que, claro, aquiesce o branqueado Black-Jack, já que, como bem se sabe, eles falam todos a mesma linguagem : O Wallstreetês.

Unificado então o Coro Grego com todos os Gregos que ficam – já sem os de-puta-dos, comidos que foram pelas circunstâncias – em coro entoam o dolaroso cântico: “- *O Euro é que é o Dracma*”.

³⁴ É nesse momento que os de-puta-dos gregos que olham em coro o coro grego dos gregos que se fazem comer pelos leões cantam dórica jónica e estrategicamente o cântico: “- *Também nos não somos gregos*”, e “- *Nos é que não somos gregos, nos não somos gregos*” ecoando a coro já sem decoro e tentando safar e desmarcar-se do tamanho e bárbaro almoço e, tal vez pior ainda e maior barbaridade, já sem a menor ilusão de poder recuperar o mais ínfimo tostão em conceito de direitos de autor.

Troika e coro grego

“- *Não há nada mais sustentável que a insustentabilidade*”, algazarram em trio os três troikos assistidos pelos seus assistentes e outros papistas mais despistados que o Ratzinger e o que agora se chama Vito, sem deixar escapar uma lágrima pelo destino.

Nem pelo destino do destino.

Nem uma lágrima.

Isso é que é fado.

Mudança de cenografia

Mas não é assim que são as coisas.

Por agora.

As coisas são como são.

Por agora.

E vão seguir sendo – por enquanto – até que o coro grego adquira tamanho super - King - mega - Size - XXXL com uma massa insuficientemente salarial mas suficientemente crítica para pôr, impor, e expor um bocadinho de respeito.

E até de medinho.

Import e export.

Quem sabe.

II

(entremêses
entre meses)
3,8 38s curtos

1

- 'Tristezas não pagam dívidas, ministra Álvaro. O Álvaro ministro.
- É o destino, declama tragicamente o coro de gregos.
- Alegrias também não, sarkofica Passos ao coelho corifeu, como lhe tinha pedido a Merkel já há tempos que sarkoficasse.
- Alegrias mais que fado é flamenco, entoa guerreira a Katia-Mariza sempre acompanhada pelo cavaquinho.
- E o flamenco, sabe-se, é um queijo holandês pintor. Afirma afirmativamente o matrimónio parental da inhumanidade, que em nada desmerece.
- E que ainda dá orçamentos de estado, aprova o pater famílias do tio.
- Tristezas não pagam dívidas, alegrias não pagam dívidas; nem a tragédia paga, nem o fado, nem o flamenco. Tchau e um queijo, diz Francamente o António ao Loureiro que já viu melhores Dias.
- Como nós: Se nem sequer pagam, ainda menos dívidas, especula o Rendeiro, sem pôr nem pôr. Que ele é só sacar.
- Sem tirar nem pôr, não vejo como é que alguém se pode endividar, e ainda menos pagar, santifica com certo Espírito o Ricardo sem tirar nem pôr, nem a mão no bolso, nem seja o que for.
- Sem pôr a mão no bolso das calças e tirar, não vejo como seria possível seja o que for ou se aqueixar, queixa-se precoce Strauss-Khan à primeira a passar.

- Estamos fodidas, apercebe-se la garde da directora substituta do FMI ³⁵.

2

- Hay que tomar medidas, argumenta Mr. Smith.

- Ya medí. Y da 38. El resultado es 38, replica Mr. Wesson.

- ¿38?, pregunta Mr. Smith, y rápidamente repregunta: - ¿por cierto?

- Por ciento, responde Mr. Wesson, que rápidamente rerresponde: - Por cierto que por ciento.

- ¿De corte? le rerrepregunta Mr. Smith, y automáticamente Mr. Wesson le rerrerresponde : - Y queda corto. Dice Mr. Colt que queda corto.

A esto le rerrerrepregunta Mr. Smith: - ¿Queda corto como recorte?

- Si, por cierto 38 % es un recorte corto. Al menos para Mr. Colt, dice con silenciador casi Mr. Wesson, que ya no rerrerresponde pero continúa hablando: - 44 ya era mas largo, al menos según Harry, metrala Mr. Wesson que cocontinúa: - al menos 44 ya daba para magnum.

¿Qué Harry? rerrerrepregunta Mr. Smith que como los niños no se cansa de preguntar y rerrerrepreguntar.

³⁵ Usa-me como quiseres...

actividade como colectores de impostos, de lixo e vendedores de automóveis e imóveis.

Vários sectores vão ser privatizados na brevidade, como os museus e sítios históricos, as praias, os passeios, as escadas fixas e rolantes, e as passeadeiras. E a seguir começa a prever-se a privatização da contestação popular, das greves, as manifestações, os cocktails molotov e o futuro.

O ministro da Adversidade adverte no entanto que o Governo travará qualquer intento de privatização do sector, e que a adversidade seguira sendo propriedade do Estado e do povo gregos.

,8

38 steps to becoming a trader

<http://financefloor.blogspot.com/2012/01/38-steps-to-becoming-trader.html>³⁶

³⁶ <http://translate.google.com/#en/pt/> :

38 passos para se tornar um comerciante

<http://financefloor.blogspot.com/2012/01/38-steps-to-becoming-trader.html>

Segue-se uma lista da maioria dos passos cada comerciante bem sucedido toma durante a sua vida. Recentemente encontrei em minhas observações. Eu não tenho certeza de o autor da lista, assim se algum dos meus leitores sabem, por favor, escreva-me para créditos de respeito pode ser dado. Boa leitura, sucesso comercial e não se esqueça de que as coisas sempre mudam! ☺
As etapas são as seguintes:

1. Nós acumulamos informações - comprar livros, ir a seminários e pesquisa... pesquisar... pesquisas.

-
2. Começamos a negociar com o nosso conhecimento "novo".
 3. Nós sempre 'doar' e, em seguida, perceber que pode precisar de mais conhecimento ou informação.
 4. Nós acumulamos mais informações.
 5. Nós mudamos as commodities que estão a seguir.
 6. Voltamos para o mercado e o comércio com o nosso 'actualizado' conhecimento.
 7. Ficamos 'bater' novamente e começará a perder parte de nossa confiança. O medo começa a definir pondo-se.
 8. Começamos a ouvir "fora da notícia" e para outros comerciantes.
 9. Voltamos para o mercado e continuar a 'doar'.
 10. Nós mudamos de commodities novamente.
 11. Procuramos para mais informações.
 12. Voltamos para o mercado e começar a ver um pequeno progresso.
 13. Ficamos com 'excesso de confiança" e do mercado nos humilha.
 14. Começamos a entender que a negociação com sucesso vai levar mais tempo e mais conhecimento do que prevíamos. A maioria das pessoas desistem neste ponto, como Realizam o trabalho estar envolvido.
 15. Nós levar a sério e começar a se concentrar em aprender uma metodologia 'real'.
 16. Nós negociamos nossa metodologia com algum sucesso, mas percebe que algo está faltando.
 17. Começamos a compreender a necessidade de ter regras para aplicar nossa metodologia.
 18. Tomamos um período sabático de comércio para desenvolver e pesquisar as nossas regras comerciais.
 19. Nós iniciar a negociação, desta vez com réguas e encontrar algum sucesso, mas sobre tudo o que ainda hesitam quando executamos.
 20. Nós somar, subtrair e modificar as regras de como vemos a necessidade de ser mais eficiente com as nossas regras.
 21. Nós sentimos que estamos muito próximo de cruzar esse limiar de sucesso comercial.

Following is a list of most of the steps every successful trader takes during their life. I recently found it in my remarks. I'm not sure of

22. Nós começamos a assumir a responsabilidade por nossos resultados comerciais como entendemos que nosso sucesso está em nós, não a metodologia.
23. Continuamos ao comércio e tornar mais eficiente com nossa metodologia e as nossas regras.
24. À medida que o comércio ainda temos uma tendência a violar as nossas regras e nossos resultados são ainda irregular.
25. Sabemos que estamos perto.
26. Nós vamos voltar e pesquisar as nossas regras.
27. Nós construímos a confiança nas nossas regras e volte para o mercado e o comércio.
28. Nossos resultados comerciais estão melhorando, mas ainda estamos hesitar em executar as nossas regras.
29. Agora vemos a importância de seguir as nossas regras, como vemos os resultados de nossas operações quando não seguimos as regras.
30. Começamos a ver que a nossa falta de sucesso está dentro de nós (a falta de disciplina em seguir as regras por causa de algum tipo de medo) e começamos a trabalhar nos conhecermos melhor.
31. Continuamos a negociar e o mercado nos ensina mais e mais sobre nós mesmos.
32. Nós dominar a nossa metodologia e as nossas regras comerciais.
33. Começamos a fazer consistentemente o dinheiro.
34. Ficamos um pouco mais confiante e o mercado nos humilha.
35. Continuamos a aprender as nossas lições.
36. Nós parar de pensar e permitir que as nossas regras de comércio para nós (comércio torna-se chato, mas bem-sucedida) e da nossa conta comercial continua a crescer à medida que aumentamos o tamanho do nosso contrato.
37. Estamos fazendo mais dinheiro do que jamais sonhou ser possível.
38. Vamos em frente com nossas vidas e cumprir muitos dos objetivos que sempre sonhamos que sonhou.

the author of the list so if any of my readers would know, please write me so respectful credits might be given. Happy reading, successful trading and don't forget that things always change! ☺
The steps are as follows:

- We accumulate information - buying books, going to seminars and researching.
- We begin to trade with our 'new' knowledge.
- We consistently 'donate' and then realize we may need more knowledge or information.
- We accumulate more information.
- We switch the commodities we are currently following.
- We go back into the market and trade with our 'updated' knowledge.
- We get 'beat up' again and begin to lose some of our confidence. Fear starts setting in.
- We start to listen to 'outside news' and to other traders.
- We go back into the market and continue to 'donate'.
- We switch commodities again.
- We search for more information.
- We go back into the market and start to see a little progress.
- We get 'over-confident' and the market humbles us.
- We start to understand that trading successfully is going to take more time and more knowledge than we anticipated. MOST PEOPLE WILL GIVE UP AT THIS POINT, AS THEY REALIZE WORK IS INVOLVED.
- We get serious and start concentrating on learning a 'real' methodology.
- We trade our methodology with some success, but realize that something is missing.
- We begin to understand the need for having rules to apply our methodology.
- We take a sabbatical from trading to develop and research our trading rules.
- We start trading again, this time with rules and find some

success, but over all we still hesitate when we execute.

- We add, subtract and modify rules as we see a need to be more proficient with our rules.
- We feel we are very close to crossing that threshold of successful trading.
- We start to take responsibility for our trading results as we understand that our success is in us, not the methodology.
- We continue to trade and become more proficient with our methodology and our rules.
- As we trade we still have a tendency to violate our rules and our results are still erratic.
- We know we are close.
- We go back and research our rules.
- We build the confidence in our rules and go back into the market and trade.
- Our trading results are getting better, but we are still hesitating in executing our rules.
- We now see the importance of following our rules as we see the results of our trades when we don't follow the rules.
- We begin to see that our lack of success is within us (a lack of discipline in following the rules because of some kind of fear) and we begin to work on knowing ourselves better.
- We continue to trade and the market teaches us more and more about ourselves.
- We master our methodology and our trading rules.
- We begin to consistently make money.
- We get a little over-confident and the market humbles us.
- We continue to learn our lessons.
- We stop thinking and allow our rules to trade for us (trading becomes boring, but successful) and our trading account continues to grow as we increase our contract size.
- We are making more money than we ever dreamed possible.
- We go on with our lives and accomplish many of the goals we had always dreamed of.

Os 38 passos para se tornar um comerciante foram cortados em 38 % A medida vem a por um problema matemático compatível com os de Hilbert visto que da 23,56 O que, para simplificar e cortar um bocadinho, já que ninguém da por isso, termina por ser só 23:

1. Qual é o cardinal do continuum?
2. A compatibilidade dos axiomas da aritmética. Será que os axiomas da aritmética são compatíveis ?
3. A igualdade dos volumes de dois tetraedros de base igual e altura igual é igual ?
4. O problema da distância mais curta entre dois pontos. A linha recta a menor distância entre dois pontos em qualquer superfície e em qualquer geometria ?
5. Estabelecer o conceito de grupo de Lie, ou grupo de transformações contínuas, sem assumir a diferenciabilidade das funções que definem o grupo.
6. Axiomatização da física. É possível criar um corpo para axiomático física?
7. a^b é transcendente para $a \neq 0,1$ algébraico e b irracional algébraico ?
8. El problema de la distribución de los números primos. Os zeros não triviais da função zeta de Riemann pertencem todos à linha crítica e todo número par maior ou igual a 4 é a soma de dois primos.
9. Achar a lei de reciprocidade mais geral em todo campo de número algébrico.
10. Encontrar um algoritmo que determine se uma ecuação diofantina tem solução.
11. Classificar as formas quadráticas a coeficiente nos anéis algébricos inteiros.
12. Estender o teorema de Kronecker para os corpos não abelianos a qualquer domínio da racionalidade algébrica.
13. Demonstrar a impossibilidade de resolver equações de sétimo grau através de funções de somente duas variáveis.
14. A prova da finitude de certos sistemas completos de funções.

- Provar o carácter finito de certos sistemas completos de funções.
15. Fundamentação rigorosa do cálculo enumerativo de Schubert ou geometria algébrica.
 16. Problema da topologia das curvas algébricas e de superfícies. Desenvolver uma topologia de curvas e superfícies algébricas.
 17. Expressão de formas definidas pela soma dos quadrados. Demonstrar que uma função racional positiva pode ser escrita sob a forma de soma de quadrados de funções racionais.
 18. Construção do espaço dos poliedros congruentes. Construir um espaço euclidiano com poliedros congruentes. Qual a maneira mais densa de se empacotarem esferas?
 19. As soluções de problemas regulares do cálculo de variações, são sempre analíticas? Provar que o cálculo de variações é sempre necessariamente analítico
 20. O problema geral das condições de contorno de Dirichlet. Todos os problemas variacionais com certas condições de contorno têm solução?
 21. Demonstração da existência de equações diferenciais lineares de classe fuchsianas, conhecidos seus pontos singulares e de grupo monodrómico. Prova da existência de equações diferenciais lineares tendo um determinado grupo monodrómico.
 22. Uniformidade das relações analíticas de funções automórficas: é sempre possível padronizar qualquer relação algébrica entre duas variáveis por meio de funções automórfas de uma variável?
 23. Extensão dos métodos do cálculo de variações. Desenvolver um método geral de resolução no cálculo de variações.



por enquanto...

- O meu Smith & Wesson não tem nada de especial, é uma Merkel, diz François Hollande de Holland & Holland by appointment of her majesty the Queen.
- Um euro-drama Real.
- O verdadeiro dracma.

III

**38 com silenciador:
Coelho à caçadora em 38 passos**

Caça do Coelho:

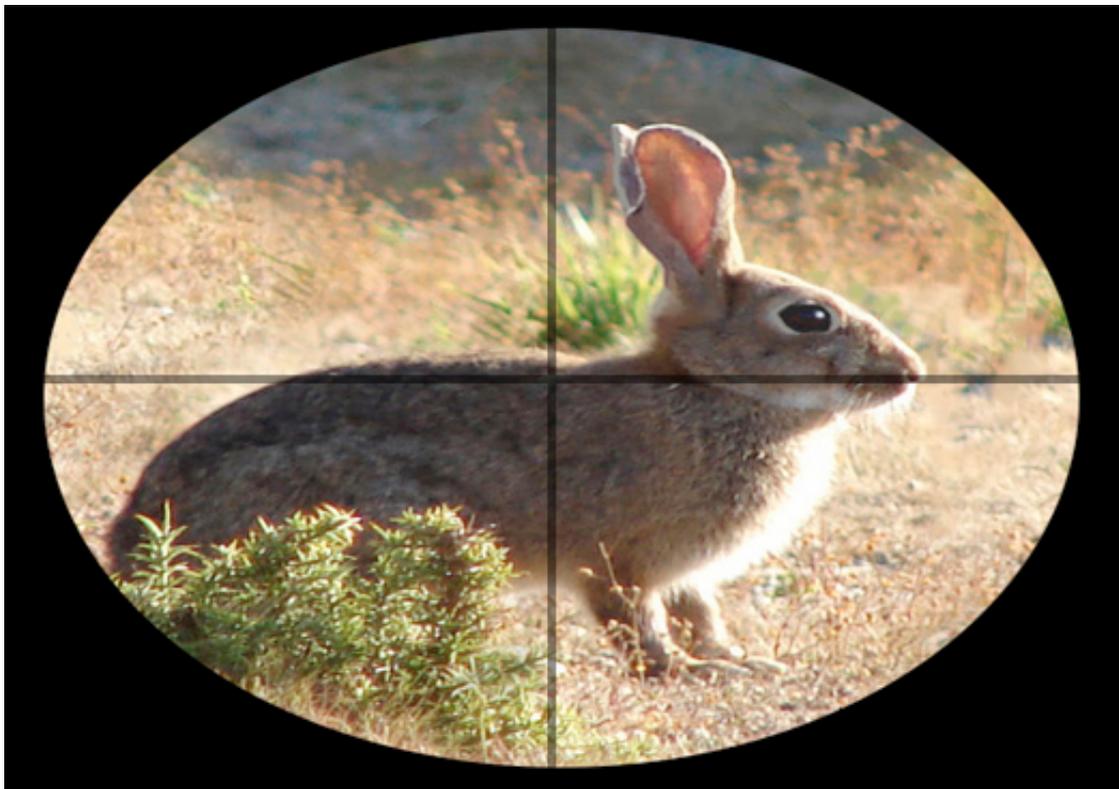


Caçadora com experiência e grande espingarda, a Rainha Vermelha, fabricante excelente e excelente atiradora, afina sua pontaria nestes últimos anos dedicando-se ao tiro ao Coelho.



O Coelho tem estatuto jurídico de *res nullius*, além de ser considerado praga e a sua abolição ser absolutamente compatível com a directiva 92/43/CEE do 21 de maio 1992 - 28.

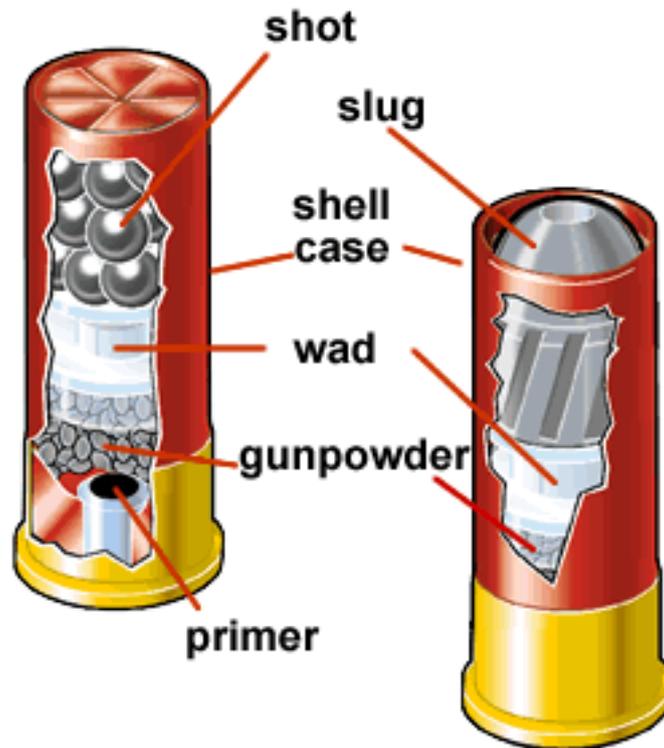
A elegância e graça com a qual nossa primeira ad-ministra aponta ao bicho, seguindo com a arma os seus grandes passos em zig-zague e adiantando e recuando o swing, para logo efectuar o disparo dispondo apenas de algumas décimas de segundo para premir o gatilho e depois, vir a corrigir o melhorar o tiro com um segundo disparo e assim matar ou rematar o animal.



A caça ao coelho e bastante técnica e conta com muitos obstáculos.



Ficou definitivamente fixado o período de caça ao Coelho como indo desde Setembro até Dezembro. Isto permite às gestoras – entenda-se as gestoras das entidades zonas de caça, e não as senhoras Merkel ou Lagarde – a possibilidade de definir o seu calendário venatório em cada região de acordo com os seus critérios. Não podemos esquecer que as realidades da caça são muito diferentes de norte a sul do país, apesar de ser pequeno. Para dar um exemplo no sul do país em Dezembro as coelhas fêmeas quase todas já andam grávidas e é crime caçar-as sem proceder primeiro à realização dum aborto.

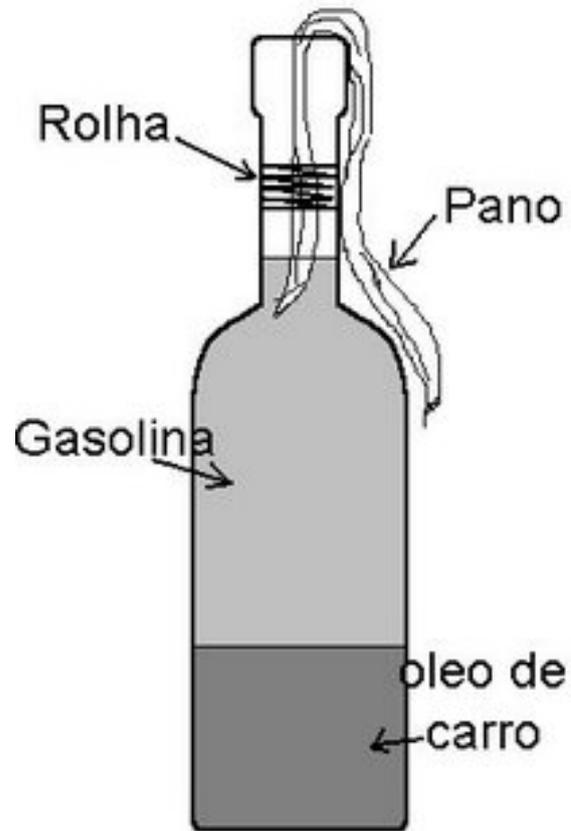


Munição:

Use preferentemente J&G especial caça de 38 gramas chumbo 6 com pólvora A1SP. Mas se vos fizerem um bom desconto, então os cartuchos de 30 ou 32 gramas com pólvora AS(A2) - polvichumbo competition ou polvichumbo super caça 32, também são bons.

Para os tordos é melhor utilizar a super gt-f1 de 28 gramas 7,5 com a pólvora CM, que os atordoia. Ou então melhor ainda deixar estar o tordo tranquilo que o coitado não tem nada a ver.

Mas o ideal—ideal para a caça do Coelho é o cocktail Molotov.



Ingredientes:

1 coelho
Vinho tinto
Farinha
2 colheres de sopa de margarina
4 colheres de sopa de azeite
2 cebolas
1 alho
Sal
Cravinho

Pimentinha

1 folha de dias loureiro

2 tomates



Preparação:

Ponha o coelho (cortado em bocados) a marinar no vinho tinto com as cebolas e o alho cortados às rodelas, sal, pimenta, cravinho e o louro.

Tire os pedaços de coelho da marinada (e separe o liquido, sem desperdiçar nada), passe-os por farinha e aloure-os na margarina e azeite.

Junte ao coelho as cebolas, os alhos, o louro, (ou seja, a parte "sólida" da marinada) e os tomates:

Pelados e cortados aos bocados.

Deixe ferver um pouco, junte o liquido da marinada e rectifique os temperos.

Tape e deixe cozer suavemente até o coelho estar macio.



Dica:

Quando de mata o coelho deve recolher-se o sangue para uma tigela onde previamente se deitou o vinagre. Mexe-se e reserva-se. Corta-se o coelho aos pedaços, as cebolas e o tomate às rodelas finas e o presunto às fatias. Picam-se os dentes de alho. Num tacho de barro dispõem-se camadas alternadas de cebola, de coelho, de tomate e de presunto, sendo a primeira camada de cebolas. Tempera-se cada camada de coelho com o alho picado, sal e pimenta. Espalha-se por cima a banha, a salsa e o louro. Tapa-se o recipiente e leva-se a cozer em lume brando. Na altura de servir adiciona-se o sangue a que se juntou o vinho. Leva-se ao lume para uma fervura rápida e serve-se com batatas cozidas.

HOLLAND & HOLLAND'S

Field and Trap Guns



Royal de Luxe
SELF-OPENER

HOLLAND & HOLLAND'S DE LUXE MODEL hammerless ejector shotguns are for the sportsman who desires and appreciates elegance and beauty combined with sheer streamlined utility. These guns are built by craftsmen of the highest skill using materials of the finest quality specially to fit the style and build of the user. Produced only in relatively small numbers shotguns of this quality cannot but appreciate in value whilst giving decades of pleasure in the field. Regarded as works of art these guns stand apart from any other weapons produced in this century.

There is no standard specification for the Royal de Luxe guns since they are built exactly as the sportsman requires them. The barrels, which are of English best steel, are made to any length from 25-inches to 30-inches and with any degree of choke. The stocks are carved from well figured French walnut to whatever style and measurements desired.

A special feature of these guns is the HOLLAND SELF-OPENING system which makes rapid reloading possible. Smooth in operation and easy to close there is no better easy opening system applied to shotguns.

Holland's hand detachable locks are fitted unless customers ask for a plain screw instead of the lever. The safety can either be automatic or non automatic and double or single triggers according to choice.

LIGHT GAME MODEL for most British or Continental field shooting. Usually with 2½-inch chambers but also chambered for 2½-inch field load cartridges.

WILDFOWL AND TRAP MODEL for long range shooting using heavy load cartridges or for competitive live and clay pigeon shooting where a heavier gun is indicated.

Weights of above models and other details given on pages 2 and 3.

A metáfora é a metáfora da metáfora ³⁷. Fora do aspecto metafórico da metáfora, a metáfora deixa de ser metáfora para metaforicamente passar a ser uma frase que diz o que diz sem outro significado que o seu significado. Que significa o que significa. Uma frase que significa o que significa. Isto significa que o significado da metáfora para além daquilo que quer significar metaforicamente fora do seu significado literal, significa metaforicamente em si uma

³⁷ Literalmente, a metáfora é a metáfora da metáfora. Fora do aspecto metafórico da metáfora, a metáfora deixa de ser metáfora para metaforicamente passar a ser uma frase que diz o que diz sem outro significado que o seu significado. Que significa o que significa. Uma frase que significa o que significa. Isto significa que o significado da metáfora para além daquilo que quer significar metaforicamente fora do seu significado literal, significa metaforicamente em si uma metáfora sobre a significação literal da realidade não metafórica da metáfora.

metáfora sobre a significação literal da realidade não
metafórica da metáfora.

Literalmente.

VIII

epílogo

*“And hither am I come
An epilogue arm'd, but not in confidence
Of author's pen or actor's voice, but suited
In like conditions as our argument.”
Shakespeare, almost...*

Este epílogo crê-se um personagem shakespeariano. Toma-se pelo prólogo de *Troilus and Cressida*, ou pelo Puck do final do *Midsummer's Night Dream*. Coitadinho.

As palavras.

As palavras enganam.

Valor assegurado ? Vantagens fiscais ? Investimento seguro ?
Seguro ? Investimento ? Fragilidade do sistema ? Deterioro das
condições financeiras ? Aumento da volatilidade ? Orgia
especulativa ? Imprudência e temeridade ? Investimento de risco ?
Má praxis ? Negligencia voluntaria ? Homicídio negligente ?

As palavras enganam ?

Responsáveis políticos ? Sistema financeiro ? Especialistas em
regulação bancária ? Correção dos desequilíbrios globais ? Não há
alternativa ?

O que é evidente é que há uma falha. Mais: Há uma falha
sistémica. E mais de uma; e há outra falha que é intelectual.

Algumas palavras sobre as palavras então:

O problema então tal vez não esteja em encontrar soluções para *a crise económica*, senão em pensar sempre que tudo se resume e explica em termos económicos. Isso por um lado; pelo outro é que a situação que estamos a viver é definida e tratada com o termo *crise*.

Mas isto não é uma *crise*: O que estamos vivendo é um roubo massivo. Que na linguagem do poder e dos seus comunicadores chamam-la reajuste. E que é o que se reajusta ? A distribuição de bens. E os bens fundamentalmente medem-se em termos

económicos justamente porque decidimos que tudo deve ser entendido e organizado em termos económicos. Quem se lembra ainda do nosso actual não-presidente, quando era ainda menos presidente que hoje, na sua primeira campanha para angariar votos cavacando-nos sobre as vantagens de ter como presidente um economista ? Alguém está a ver onde estará a tal vantagem ? Em que é que uma visão economicista da sociedade é uma boa visão da sociedade ? A economia, já sabemos e não nos cansaremos nunca de repetir, é um meio e não um fim. E endeusar meios é meio caminho andado para transforma-los em fins em si mesmos. E esse é o lavado de cérebro que nos é feito a traves dos *mass media*. E depois a economia levou-nos ao borde do precipício. E agora, se seguimos pensando em termos económicos o único que conseguiremos é dar um passo adiante. Um passo adiante ao borde do precipício.

Trata-se de uma situação critica se se quiser. Mas não há *crise*. Designar a nossa situação como *crise* no fundo não é mais que um modo de diluir a responsabilidade, normalmente a própria – a individual e a de classe e ou corporação – e negar-se assumir a culpa de não se ter estado à altura das circunstâncias. Isto último, não por casualidade, foi o modo de definir a ética que teve Gilles Deleuze, como qualquer viajante do metro de Lisboa pode ler na parede da estação Parque. Falar de *crise* então, é uma maneira maneirinha para evitar falar de *falta de ética*. É lá, isso seria muito mais chato: Porque deveríamos falar e responsabilizar àqueles que não afrontaram os problemas e, no melhor dos casos decidiram adia-los. E no pior ? *O pior não é para aqui chamado* pensam eles, e dizem e mandam imprimir, irradiar e televisar pelos seus porta vozes e demais prostitutos sempre dispostos a não pensar a troco de salário, antes de falar ou dar opinião nos noticiários e nas folhas dos jornais. O pior não é para aqui chamado porque, acham eles, não estaremos já cá para ve-lo. E como o sistema é mais aguentador que aquilo que se pensa, provavelmente os nossos filhos também não. Aguentador de *aguenta* e de *dor*. Das duas coisas. E os nossos netos vão ter que ter a energia e a sabedoria suficientes para encontrar soluções. Como, não se sabe. Porque pelo andar da carruagem a educação e o saber e a cultura vai ser coisa do passado. E o passado já lá foi.

Nem pense em aplaudir.

Pense.

Nem pense em aplaudir.

Pense no assunto.

E faça. Faça alguma coisa.

O assunto é que temos que fazer alguma coisa.



&



by appointment of her majesty the

Queen

Fournisseurs brevetés de la Cour de Belgique

38 divisões administrativas e territoriais nas quais teríamos gostado imenso poder representar uma peça de teatro caso de ter tido o dinheiro suficiente para poder produzi-la e apresenta-la :

Douro, Minho, Trás-os-Montes, Dentro do Frigorífico, Fora-de-Validade, Beira Baixa, Beira Alta, Beira Bera, Vale do Ave, Ave Cesar (morituri te salutant), Estremadura, Extrema Estremadura, Estremadura Light, Casino Estoril, Alentejo, Ribatejo, Entretejo, Mota Engil, Aeroporto da Ota – Alcochete, Algarve Interior, Algarve Exterior, Portugal Incontinental, Madeira, Madeira - Porto Santo, Madeira Porto – Vintage, Região Autónoma dos Açores, Milhazes – Região do Corvo, Açores - Ave - Rapina Grande, Rapina Pouca, Açores Ocidentais Alem Newark, Aquém Bronx, Luxemburgo, Palops, Cemitério dos Prazeres.

Se isto fosse um espectáculo, cá tal coisa (mudança de luz, de decor, intervalo, efeito de som)